

VER PARA CRER EM SÃO TOMÉ

Sónia Graça
sonia.graca@sol.pt

Equipa de oftalmologistas do Instituto Marquês de Valle Flor realizou 12 missões em São Tomé e Príncipe nos últimos quatro anos. Foram operadas quase 900 pessoas com problemas de visão.

Cataratas, glaucoma e cegueira infantil são algumas das doenças que mais afectam a visão dos são-tomenses. Mas só em Fevereiro de 2010 chegou a São Tomé e Príncipe o primeiro médico oftalmologista, graças ao programa Saúde para Todos, desenvolvido pelo Instituto Marquês de Valle Flor naquele país.

Ao longo dos últimos quatro anos, uma equipa composta por quatro médicos oftalmologistas e dois enfermeiros portugueses, ao serviço daquela organização não governamental para o desenvolvimento, levou a cabo 12 missões naquele país – que totalizaram 5.648 consultas médicas, 846 consultas de enfermagem e 859 cirurgias.

«Tentar recuperar os casos de cegueira reversível, como a catarata, e impedir a cegueira irreversível, como o glaucoma» são os principais objectivos dos clínicos portugueses, explicou ao SOL Luís Dias Pereira, coordenador da equipa, que se deslocou ao Japão para apresentar os resultados do trabalho desenvolvido em São Tomé e Príncipe durante o Congresso Mundial de Oftalmologia, que começou na quarta-feira e termina este domingo.

Com o apoio de uma enfermeira e quatro técnicos residentes em

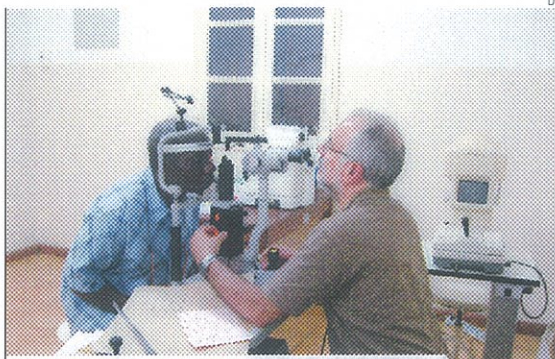
São Tomé, a equipa deita mãos à obra durante 15 dias consecutivos (tempo médio de cada missão), três vezes por ano.

Muitas das intervenções, realizadas no hospital central do país, destinam-se a tratar feridas e patologias em crianças, algumas com poucos meses de idade. «Operámos muitas crianças com traumatismos perfurantes e cataratas traumáticas. Também corrigimos patologias como a ptose (pálpebra descaída), que se não for detectada a tempo pode resultar num 'olho preguiçoso'. Operámos ainda, com anestesia geral, bebés de um ou dois meses com cataratas congénitas», refere Luís Dias Pereira.

Brincadeiras com paus e ferros acabam mal

O médico recorda o caso de uma menina de quatro anos, com défice cognitivo. «Três meses depois de ser operada às cataratas, não parecia a mesma: sorria, já não puxava os cabelos nem agredia a mãe... Esta mudança só pode ter que ver com a recuperação da visão».

Muitas «brincadeiras» acabam da pior forma. «Em São Tomé, as crianças costumam brincar com paus e ferros e por vezes



Coordenador da equipa numa consulta em São Tomé

acontecem acidentes. Outras vezes, põem-se a abrir os olhos uns dos outros contra o Sol, o que pode provocar queimaduras na mácula».

Os adultos, por seu lado, são mais afectados pelo glaucoma e também sofrem traumatismos durante acidentes de trabalho e de viação: «Costumam pendurar os capacetes nos espelhos das motos ou no cotovelo em vez de protegerem a cabeça. Há muitos traumatismos cranianos, feridas da órbita e das pálpebras e feridas perfurantes que podem dar origem a cataratas».

As missões têm um ritmo intenso. «Fazemos oito a nove cirurgias por dia. E suspendemos a actividade um dia e meio antes de irmos embora, porque estes actos médicos comportam riscos que queremos evitar e acompanhar», sublinha o oftal-

mologista, explicando que o pós-operatório não exige um controlo muito apertado: «As técnicas de incisão são cada vez mais evoluídas e raramente é preciso abrir o olho, o que diminui muito os riscos da cirurgia. E os doentes são seguidos em consulta logo nos dias seguintes».

Além disso, os técnicos formados pelos clínicos portugueses estão preparados para «vigiar uma tensão ocular ou uma reacção inflamatória». Nenhum doente foi alguma vez encaminhado para Portugal por complicações no pós-operatório.

Um estudo comparativo entre o custo de 1.592 consultas e 199 cirurgias de oftalmologia realizadas em 2011, em São Tomé e Príncipe, e os custos estimados se o tratamento tivesse decorrido em Portugal mostrou que as missões custaram 86.900 euros (viagens, esta-

da e material médico incluídos), cerca de 1/5 do valor que os mesmos actos médicos implicariam em Portugal (475.742,35 euros) – o que corresponde a uma poupança de 81,7%.

«Nada do que lá fazemos é má prática nem comporta riscos. Pode não ser habitual, mas não é incorrecto», frisa o médico, exemplificando: «Reutilizamos as batas para forrar marquesas».

De resto, quer óculos e lentes, quer os medicamentos são fornecidos gratuitamente por empresas portuguesas, sendo o restante material assegurado pelo Instituto.

Nesta e noutras especialidades, o programa Saúde para Todos também contribuiu para diminuir a taxa de evacuações sanitárias. Entre 2009 e 2012, o número de evacuações para Portugal desceu 61% – o que corresponde a uma poupança de cerca de 20% do orçamento para a Saúde do Estado são-tomense e de um milhão de euros ao Ministério da Saúde português.

Este programa é desenvolvido há 25 anos em São Tomé e garante uma rede de prestação de cuidados de saúde preventivos, primários e especializados (da ginecologia-obstetrícia à psiquiatria e estomatologia) que beneficia a totalidade da população são-tomense. Só em 2013, foram realizadas mais de 80 mil consultas de planeamento familiar e de protecção materno-infantil, administradas 810 mil vacinas e 30.500 doses de desparasitante em crianças.

Ex-administrador da Sonangol encontrado morto

Só autópsia vai revelar causa de morte do angolano Mateus Morais de Brito.

O funeral de Mateus Morais de Brito está previsto realizar-se na segunda-feira em Luanda, soube o SOL junto de fonte próxima do ex-administrador da Sonangol.

«A mulher e os filhos ainda

estão em Houston, nos EUA, onde vivem», adiantou a mesma fonte, que garantiu também que «até às 13 horas de ontem a autópsia ainda não tinha sido realizada».

Ex-administrador da Sonangol (2005-2013) e antigo vice-governador da província de Kwanza-Sul para o Sector Económico (exonerado em Fevereiro pelo Presidente angolano), Morais de Brito, de

53 anos, foi encontrado morto em casa pelo sobrinho, no condomínio Terraços da Barra, em Algés, na manhã de quarta-feira.

Segundo o *Correio da Manhã*, estava no chão, nu, de barriga para baixo, perto da casa de banho – e com sangue na cabeça, o que terá levantado suspeitas. A Polícia Judiciária foi chamada ao local, não tendo encontrado sinais de violência, e o cadáver foi

enviado para o Instituto de Medicina Legal. A hipótese de um ataque cardíaco só poderá ser confirmada após a autópsia.

Na terça-feira, o também presidente do clube de futebol Petro de Luanda tinha-se sentido mal, com dores nas costas, e foi visto por um médico em casa.

O SOL soube que Mateus Morais de Brito tinha viagem de regresso para Luanda na quarta-

feira. Segundo fonte próxima, o angolano, formado em Geofísica por uma universidade norte-americana, «esteve em Houston até domingo»: «Foi visitar a família. Em Portugal, foi visitar a casa que tem e tratar de alguns negócios pessoais – e não fazer tratamentos de saúde, como algumas pessoas estão a especular».

José Maurício